

DO ABSTRATO AO CONCRETO: TRABALHOS DE CAMPO – REFLEXÕES INICIAIS*

Flaviana Gasparotti NUNES**

Resumo: Este texto procura fazer algumas reflexões gerais sobre o Trabalho de Campo e sua importância para o ensino e produção do conhecimento geográfico. Para isso, destacamos suas principais características além de tentarmos diferenciá-lo da técnica conhecida como Estudo do Meio. Trata-se de um texto inicial tendo em vista a ausência de discussões específicas sobre o assunto na literatura geográfica.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Estudo do meio; Ensino de geografia; Formação profissional em geografia.

Introdução

Desde seus primórdios a Geografia através das tentativas dos pioneiros exploradores e viajantes apresentou a necessidade de se estudar a realidade de forma direta, ou seja, de conhecê-la *in loco* para melhor entendê-la. É neste sentido que a atividade que conhecemos sob a denominação de Trabalho de Campo se torna imprescindível para a produção e transmissão do conhecimento geográfico.

O que nos propomos a fazer neste texto é discutir e fazer algumas reflexões gerais em torno da relevância desta atividade para o ensino e produção do conhecimento geográfico destacando suas características e possibilidades de utilização.

Este texto, portanto, tem um caráter bastante preliminar e mesmo “pioneiro” na medida em que não há uma discussão específica na literatura da Geografia sobre esta questão e as poucas existentes abordam o Trabalho de Campo em seus aspectos gerais, sem um aprofundamento quanto à questão do ensino fundamental e médio, apenas ligado à universidade. Por isso optamos por discutir sua validade no que diz respeito à formação do profissional em Geografia, visto que, como veremos adiante, nos níveis iniciais e intermediário a questão é tratada sob outra perspectiva.

O trabalho de campo em geografia

Segundo Thomaz Jr. (1991, p.17) para a formação do profissional em Geografia deve-se considerar o Trabalho de Campo como:

“(…) uma alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão intra-sala de aula, como forma de executar/‘praticizar’ a ‘leitura’ do real, sendo assim, um momento ímpar da práxis teórica.”

Partindo disso, temos que o Trabalho de Campo é uma atividade útil e necessária para se compreender as determinações geográficas que permitem a compreensão

* Trabalho apresentado à Disciplina Ensino e Produção do Conhecimento Geográfico ministrada pela Profa. Dra. Alice Y. Asari

** Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

de diversos temas tratados pela Geografia, tais como a **divisão territorial** do trabalho, a natureza das relações de produção no campo e na cidade, as diferentes formas de organização da cidade, a circulação de mercadorias e de pessoas, as diferenciações nas formas de relevo, entre outros.

Deve-se ressaltar que no Trabalho de Campo as atividades empíricas são significativas e as informações podem ser buscadas por procedimentos e fontes diferentes. Essas fontes e procedimentos incluem a **observação** que resulta da intermediação sensória entre observador e observado e depende da capacidade do pesquisador ou da equipe em anotar as observações e a qualidade dos instrumentos utilizados. As **fontes escritas** (livros, revistas, jornais e documentos como certidões, cartas, mapas etc) podem fornecer informações relevantes e no caso das três primeiras, também há possibilidade de se encontrar pontos de vista diferenciados sobre o tema. Além disso, o **confronto direto** entre pesquisador e outras pessoas do lugar que possam fornecer algum tipo de informação podendo ser objetivado através da prática de entrevistas e de questionários¹.

Outro princípio importante apontado por Sposito (1997, p.141) é que para a realização do Trabalho de Campo não se parte de uma idéia casual. Deve-se partir de um tema que gera a questão a ser estudada ou de um lugar determinado cujas particularidades deverão ser estudadas em suas diferentes manifestações. Essas questões devem estar contempladas no **projeto** que se elabora com as justificativas, os objetivos, o desenvolvimento de algumas idéias prévias sobre o tema ou a área de estudo, o cronograma de atividades, o roteiro e mesmo os recursos materiais necessários.

Partindo para as questões mais especificamente teóricas do Trabalho de Campo, lembramos que deve sempre haver a preocupação de não ficar restrito apenas ao aparente, ou aquilo que se pode perceber pelos sentidos. A problematização nos permite fazer relações teórico-conceituais colocando-nos na ofensiva do processo da pesquisa questionando por que, como, para que, para quem, nos permitindo ultrapassar o nível da paisagem (aparência).

Para que se possa verdadeiramente compreender a realidade visível através de um ponto de vista geográfico esta preocupação deve estar sempre presente, ou seja, deve-se ler a paisagem e procurar desvendá-la internamente.

Como isso pode ser feito?

A contribuição para o ensino e produção do conhecimento

A partir das características do Trabalho de Campo apontadas acima, podemos verificar sua importância no que diz respeito ao ensino e à produção do conhecimento geográfico.

Quanto à produção do conhecimento² tomemos como exemplo os próprios trabalhos de campo realizados na universidade nos cursos de graduação em Geografia. Independente da instituição, sabemos que em grande parte delas essa atividade é desenvolvida pelos alunos e traz contribuições importantes para a formação dos alunos não importando como irão atuar no futuro (se como professores ou como bacharéis).

¹ Deve-se lembrar que dependendo dos objetivos e do tipo de informação que se deseja obter pode-se optar pela entrevista ou questionário ou ambos.

² Não estamos afirmando que no processo de ensino-aprendizagem não aconteça a produção do conhecimento, mas falamos do conhecimento científico-acadêmico

Como se dá essa contribuição? Acreditamos que ela se dá na medida em que o Trabalho de Campo permite a relação teoria-prática de forma didática nos exercitando na leitura do observável. Isso significa que nos possibilita estar “frente a frente” com uma dada realidade procurando entender seus determinantes geográficos e mesmo tomar uma posição frente a ela. Ele permite ir a campo para observar a paisagem e os elementos que a compõem de forma a entender sua estrutura, gênese e determinantes de maneira instrumentalizada visando olhar com a mente e ir aos elementos essenciais da constituição sócio-espacial.

A partir do momento em que nos colocamos a refletir sobre o observável, levantando questões, hipóteses, fazendo relações, estamos produzindo o conhecimento geográfico, estamos sistematizando idéias a partir do que vimos e lemos. Estamos estabelecendo relações tempo/espço, forma/conteúdo, sujeito/objeto a partir de uma temática que se materializa no espaço a partir dos objetos e das relações humanas.

Até agora falamos da contribuição do Trabalho de Campo no que se refere ao ensino e produção do conhecimento em nível superior.

No que diz respeito ao ensino fundamental e médio, notamos que não há uma discussão sobre Trabalho de Campo. O que encontramos são discussões sobre o Estudo do Meio. Mas o que seria o Estudo do Meio? Qual a diferença em relação ao Trabalho de Campo?

Para refletir sobre essas questões, nos baseamos majoritariamente em nossas idéias sobre o assunto a partir do que encontramos na bibliografia existente e das experiências de Trabalho de Campo na universidade, especificamente no curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente.

A princípio pode parecer que Trabalho de Campo e Estudo do Meio sejam a mesma coisa. Ambos envolvem atividades de planejamento, execução (quando o aluno observa os fatos, compara-os, entrevista pessoas etc), exploração de seus resultados e sua avaliação. Na verdade, nas definições de Estudo do Meio como a de Callai et al (1986, p.95) ele aparece como:

“(...) uma forma de trabalho que leva em conta a possibilidade de estudar o meio vivencial do aluno não apenas na dimensão do meio natural (físico), suas mudanças e influências exercidas sobre o homem, mas como espaço criado pelos homens, pelos grupos sociais, resultado de trabalho historicamente situado.”

Claro que dependendo da série em que se vai trabalhar, essa escala espacial pode ser ampliada não se restringindo apenas ao local. Relatos sobre essas experiências podem ser encontrados em Pontuschka (1984) e Pontuschka et al (1991) nos quais vemos como viabilizar e utilizar o Estudo do Meio mostrando também seu caráter interdisciplinar³. Deve-se ressaltar que o Estudo do Meio não é uma atividade específica da Geografia, é uma técnica que pode ser utilizada por outras disciplinas visando um melhor aproveitamento na aprendizagem dos alunos.

Não é pelo fato de se tratar de um procedimento metodológico ou um recurso didático utilizado por outras disciplinas que o Estudo do Meio se diferencia do Trabalho de Campo. A questão principal diz respeito ao sentido do Estudo do Meio, ou seja, de ser apenas um recurso didático.

³ Vários trabalhos mostram a possibilidade de interdisciplinaridade nesta atividade, principalmente envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Português e Ciências.

A partir dos relatos acima percebemos que a **pesquisa de campo** (veja que não se utiliza o nome trabalho de campo) é uma parte ou um momento do Estudo do Meio no qual se tem o contato direto com a realidade a ser estudada.

E o que conhecemos por Trabalho de Campo, o que seria, então? Como já afirmamos anteriormente, o Trabalho de Campo é uma alternativa para exercitar a leitura da realidade contribuindo para a compreensão desta. Mas como vimos, ele também envolve um planejamento (projeto) e exploração de resultados. Parece se estabelecer uma certa sobreposição ou “confusão” neste sentido.

Acreditamos que o Estudo do Meio deve ser entendido mais como um recurso didático-metodológico que tem a pesquisa de campo como um elemento central. Além disso, não é próprio da Geografia e não visa a formação de uma concepção geográfica de ver o mundo visto que pode ser utilizado em outras disciplinas que não possuem a mesma preocupação da Geografia, como por exemplo, Português que tem conteúdos e objetivos bastante distintos. Já o Trabalho de Campo (como o próprio nome diz) é o momento de estabelecimento da relação teoria-prática a partir do contato direto com a realidade estudada, visando a formação desta concepção visto que trata da Geografia particularmente.

Delgado de Carvalho (1970) utilizava o termo **excursão geográfica** para se referir a atividade extra-sala de aula. Afirmava que uma boa excursão, bem executada, equivale a muitas aulas. Neste caso, a excursão geográfica é própria da Geografia e visa a leitura de elementos paisagísticos no intuito de buscar informações gerais, sem uma reflexão mais aprofundada como faz o profissional em Geografia. Também envolve uma preparação, execução na qual a observação é essencial e o que chama de relação que seria a própria avaliação através de relatórios ou outras atividades. Pode-se dizer que tinha um caráter mais informativo do que reflexivo.

Nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o ensino fundamental, na disciplina Geografia também notamos que não existe uma discussão sobre Trabalho de Campo. O termo sequer aparece no documento. Há apenas algumas propostas didáticas colocando o Estudo do Meio como um recurso didático interessante por meio do qual os alunos podem construir e reconstruir as imagens e percepções que têm da paisagem local. Também aparecem os termos **excursões ou passeios didáticos** como recursos para exercitar a observação da paisagem. Chega-se a utilizar o termo **estudo de campo** como sinônimo de Estudo do Meio, mas fica ligado ao aspecto técnico, como um recurso didático.

A discussão colocada nos leva a pensar no caráter político-pedagógico do Trabalho de Campo no que diz respeito à formação do profissional em Geografia. Isso porque, como verificamos, em se tratando do ensino nas séries iniciais e mesmo no ensino fundamental e médio não há discussões sobre o Trabalho de Campo e sim sobre o Estudo do Meio.

O Trabalho de Campo é mais discutido na universidade, como atividade essencial para a formação e capacitação do profissional em Geografia e mesmo para a definição do perfil de profissional que se quer formar.

O Estudo do Meio aparece mais como um recurso para enriquecer a aprendizagem na formação global do aluno no ensino fundamental e médio não se pautando numa visão estritamente geográfica da realidade.

Por não haver ainda uma discussão específica sobre esta questão, preferimos entender que algumas técnicas do Estudo do Meio são importantes para um melhor aproveitamento dos Trabalhos de Campo.

Neste sentido, deve-se valorizar o exercício da observação, da utilização de fontes de informação, das diferentes formas de registro, da sistematização de informações que são bastante destacadas no Estudo do Meio para que o Trabalho de Campo ganhe em qualidade trazendo contribuições mais significativas para o ensino via formação de professores mais qualificados e capacitados e para a produção do conhecimento geográfico.

Considerações Finais

A idéia de discutir neste texto a questão do Trabalho de Campo partiu da constatação de que há poucas discussões sistematizadas sobre esse assunto tendo em vista sua importância para a Geografia. No entanto, encontramos algumas dificuldades.

A primeira delas surgiu da inexistência de bibliografia específica sobre o Trabalho de Campo. Além disso, para o ensino fundamental e médio este termo não é utilizado. Encontramos, então, o Estudo do Meio. Ai surge a questão: Trabalho de Campo e Estudo do Meio são a mesma coisa?

A partir de nossas leituras e da experiência universitária procuramos identificar e discutir a diferença entre os dois constatando que o Estudo do Meio se caracteriza mais como uma atividade pedagógica, um procedimento metodológico ou mesmo uma técnica que possibilita ao aluno tomar contato com a realidade rompendo com os limites do livro didático e que pode ser utilizado por várias disciplinas, não sendo próprio da Geografia.

Já o Trabalho de Campo aparece ligado ao nível acadêmico não havendo qualquer referência a ele no ensino fundamental e médio. Daí a afirmação do caráter político-pedagógico ou didático-científico, pois é muito mais que uma técnica, é um momento da práxis teórica voltada a uma melhor formação do profissional em Geografia visando compreender as determinações geográficas dos fenômenos.

De acordo com os objetivos dos diferentes níveis de ensino (fundamental, médio e superior) é que poder ser explicada a utilização ou não do Trabalho de Campo.

O importante é perceber seu papel para a formação do profissional em Geografia que contribuirá diretamente para o ensino e para a própria produção do conhecimento geográfico independente do nível em que aconteça.

Referências Bibliográficas

- BALZAN, Newton C. **Didática para a escola de 1º 2º graus**. São Paulo: Pioneira, 1983. Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, geografia** (versão preliminar). Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Jaeme L. et al (Orgs.) **Área de estudos sociais – metodologia**. Ijuí: Liv. UNIJUÍ, 1986.
- CARVALHO, Delgado de. **Introdução metodológica aos estudos sociais**. Rio de Janeiro: AGIR, 1970.
- PONTUSCHKA, Nidia N. **Estudo do meio: A região de Piracicaba – 2º grau. Orientação**, São Paulo, n.5, 1984.

- PONTUSCHKA, Nidia N. et al. O estudo do meio como método integrador das práticas de ensino. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 70, 1992.
- SANT'ANNA NETO, João L. Um olhar sobre o ensino de geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 14, 1992.
- SPOSITO, Eliseu S. As transformações no território do oeste da Bahia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 14, 1992.
- THOMAZ JR, Antonio. Em defesa da teoria no trabalho de campo. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 13, 1991.